

Santoprete, Luciana Gabriela Soares

*A questão da localização dos inteligíveis nos filósofos pagãos  
dos primeiros séculos da era cristã*

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. 7 nº13, 2013

ISSN 1982-5323

# ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## A QUESTÃO DA LOCALIZAÇÃO DOS INTELIGÍVEIS NOS FILÓSOFOS PAGÃOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS DA ERA CRISTÃ

Luciana Gabriela Soares Santoprete<sup>1</sup>

Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn

Alexander von Humboldt Research Fellow

**RESUMO:** Este estudo mostra, primeiramente, que a exegese da teoria das ideias de Platão tem desempenhado na tradição platônica um papel central a partir do primeiro século da nossa era. Em seguida, ele explicita mais precisamente a evolução das interpretações platônicas (de Atticus à Escola de Plotino) em uma das principais questões que animaram os debates teológicos pagãos e cristãos dos três primeiros séculos de nossa era, ou seja, a questão da localização das Ideias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neoplatonismo; Medioplatonismo; Plotino; ideias; inteligíveis.

**ABSTRACT:** This study shows firstly that the exegesis of Plato's theory of Ideas has played a central role in the Platonic tradition from the first century AD and subsequently follows more precisely the evolution of Platonic exegesis (from Atticus to the School of Plotinus) on one of the main issues that have animated the pagan and Christian theological debates of the first three centuries of our era, namely the question of the location of Ideas.

**KEYWORDS:** Neoplatonism; Middle Platonism; Plotinus; ideas; intelligibles.

<sup>1</sup> Aproveito a ocasião para agradecer a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o Institut d'Etudes Avancées de Nantes que me permitiram realizar o estudo aqui desenvolvido.

A partir do primeiro século de nossa era, a interpretação da teoria das Ideias de Platão desempenhou um papel central na tradição platônica (Ferrari, 2005, p. 233-246)<sup>2</sup>. O fechamento da academia platônica em Atenas, por ocasião da conquista da cidade por Silas em 86-88, e a ruptura da tradição céptica da academia<sup>3</sup> foram dois fatores que contribuíram para esta revalorização.

Nosso objetivo aqui será o de seguir a evolução das exegeses platônicas sobre essa que constitui uma das principais questões que animaram os debates platônicos nos três primeiros séculos da nossa era : onde se localizam as Ideias ? Várias soluções propostas ao problema da localização das Ideias<sup>4</sup> durante este período. Nós nos dedicaremos mais precisamente às soluções que afirmam, de maneira mais explícita, que as Ideias se situam no exterior de Deus ou do Intelecto (ἐξω τοῦ νοῦ), como sugerem Ático (século II), Longino (século III) e até mesmo Porfírio (século III) quando ele entrou na escola de Plotino. Faremos uma breve alusão à posição de Plutarco (século I) que, sendo menos evidente, não é compreendida de maneira consensual pelos especialistas hoje em dia. Esperamos assim mostrar que as correntes exegéticas platônicas representadas por estes filósofos contribuíram fortemente para restabelecer a importância da doutrina das Ideias nos primeiros séculos de nossa era e que essas interpretações serão definitivamente ultrapassadas no século III com a querela da escola de Plotino.

A análise desta questão de caráter platônico (*Timeu*, 28c-31b ; 39c) é importante para a compreensão não somente da história da filosofia mas também do cristianismo que, no início de nossa era, concebia o Demiurgo e as Ideias a partir de uma leitura conjunta da *Gênese* e do *Timeu* de Platão. Desde a revalorização da teoria das Ideias uma falta de consenso se fez sentir entre os platônicos sobre a localização das Ideias. Com efeito, nós podemos dizer, de maneira esquemática, que a dissensão à respeito da definição das Ideias e de sua localização na hierarquia dos níveis de realidade, constitui o traço fundamental da distinção já colocada por Proclo<sup>5</sup> entre os « antigos » exegetas anteriores a Plotino e os

---

<sup>2</sup> Também, a propósito do desinteresse pela teoria das Ideias cf. BALTES-LAKMANN, 2005, p. 11 e seg.

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a história institucional da escola platônica ver GLUCKER, 1978. Para uma melhor compreensão das escolas filosóficas em torno do primeiro século de nossa era ver: WHITTAKER, 1987, p. 81-123; DEITZ, 1987, p. 124-182 ; MANNING, 1994, p. 4995-5026 e ANDRE, « Les écoles philosophiques aux deux premiers siècles de l'Empire », 1987, p. 5-77.

<sup>4</sup> Cf. BALTES-LAKMANN, 2005, p. 13.

<sup>5</sup> Cf. PROCLO, *Commentaire au Timée*, I, 218, 2 e seg (= 2006 (1967), t. II, p. 40-41). Para outras ocorrências desta distinção cf. CANKIK, SCHNEIDER e LANDFESTER, 2006, p. 858.

« novos » intérpretes posteriores a ele, distinção retomada hoje em dia sob a designação respectiva de « medioplatônicos » e de « neoplatônicos ».

Seguindo o fio histórico dos argumentos medioplatônicos, esta análise nos permitirá compreender a elaboração da doutrina plotiniana sobre os inteligíveis. De fato, sabemos por Porfírio<sup>6</sup> que o pensamento medioplatônico contribuiu amplamente para a reflexão de Plotino porque ele afirma que Plotino teve conhecimento do tratado *Sobre os Princípios* de Longino e que os comentários de Ático, Severo, Crônio, Numênio e Gaio e também de outros filósofos não mencionados explicitamente<sup>7</sup>, foram estudados na escola de Plotino. Deste modo, a partir desta análise, nós poderemos compreender melhor a grande polêmica provocada por esta questão no círculo próximo de Plotino e que teve como resultado a teoria, adotada em seguida pelos neoplatônicos, segundo a qual os inteligíveis são indissociavelmente ligados ao Intelecto.

De fato, Porfírio argumentou em favor da exterioridade dos inteligíveis ao Intelecto em seu início como aluno de Plotino, quando ele ainda estava sob a influência dos ensinamentos de Longino. Aliás, ele conta<sup>8</sup> que, quando ingressou na escola de Plotino, refutou a posição de Plotino em um escrito que foi objeto de uma crítica severa e gerou uma longa controvérsia com Amélio, outro discípulo de Plotino. Vários escritos detalham os desacordos<sup>9</sup> deles até o momento em que Porfírio exprime sua aprovação definitiva à teoria de Plotino, defendida por Amélio, segundo a qual os inteligíveis estão no interior do Intelecto.

Percebemos a importância que reveste esta questão para a estrutura do pensamento plotiniano através da declaração de Porfírio que reconhece que é somente a partir desta adesão que ele pode finalmente ter acesso aos textos de Plotino. Aceitar a posição plotiniana no que diz respeito à definição e ao lugar dos inteligíveis constituiu, de um certo modo, seu « passe de entrada » na escola plotiniana. Com efeito, a doutrina dos inteligíveis de Plotino marca claramente a distância que ele quer estabelecer entre seu pensamento e os pensamentos medioplatônicos pagãos e gnósticos cristãos. De fato, entre esses últimos, alguns atestam uma divergência entre Valentino e Ptolomeu a propósito da natureza dos eons e de sua localização no interior ou no exterior da divindade. Esta dissensão entre Valentino e Ptolomeu é

---

<sup>5</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 14, 12-18, p. 156-157.

<sup>7</sup> Na verdade, nesta passagem, PORFÍRIO dá apenas alguns exemplos.

<sup>8</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 18, 8-19, p. 160-163). Cf. fragmento 7 a de LONGINO, BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5283. Nós seguimos as traduções e as numerações dos fragmentos de LONGINO encontradas em BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5214-5299 e 1998, p. 3023-3108.

<sup>9</sup> Nenhum desses escritos chegou aos tempos atuais.

considerada como estando na base de outras correntes gnósticas que se desenvolveram em seguida. Eis por exemplo um fragmento encontrado em Tertuliano<sup>10</sup> : « Ptolomeu toma emprestado dele (Valentino) : ele distingue nominalmente e numericamente os eons, considerando-os como essências individuais mas situadas no exterior de Deus, enquanto que Valentino as tinha incluído na própria totalidade da divindade, na qualidade de pensamentos, de sentimentos e de emoções. Heraclião traça a partir daí novos caminhos, da mesma forma que Secundus e Marcos o Mago ».

É interessante notar que Plotino critica no *Tratado 33* (II, 9) certas correntes gnósticas que sustentam que o Demiurgo é ignorante e que ele não possui em si mesmo as Ideias. A questão da localização das Ideias está assim no centro dos debates teológicos pagãos e cristãos dos primeiros séculos de nossa era. Durante esse período, a aquiescência dos filósofos medioplatônicos à teoria das Ideias é extraordinária, apesar dos fortes argumentos que Aristóteles dirigiu contra ela. Importantes exegeses provocaram numerosas transformações nesta teoria, mas nós temos apenas poucos textos à nossa disposição<sup>11</sup>. Podemos igualmente testemunhar a importância da questão da localização das Ideias pelo fato de que Plutarco lhe dedicou toda uma obra, hoje em dia perdida, intitulada : « *Onde se situam as Ideias ?* » (*Cat. Lampr.* 67)<sup>12</sup>. Vários escritos antigos indicam semelhanças entre o pensamento de Plutarco e de Ático, as quais podemos constatar, por exemplo, nos fragmentos 10, 19, 22 e 40 de Ático. Neste último, estes autores são comparados e mostra-se a afinidade deles no que concerne a localização das Ideias, mas a questão é complexa e constitui nos estudos atuais objeto de uma importante controvérsia entre os especialistas e mereceria uma atenção particular que, em razão de sua extensão, não pode ser desenvolvida aqui. Assinalaremos somente que a concepção das Ideias de Plutarco no primeiro século se revelou fundamental no processo de revalorização desta teoria entre os platônicos<sup>13</sup>.

A importância da teoria das Ideias junto aos platônicos dos primeiros séculos de nossa era é bem ilustrada no fragmento 9 de Ático que testemunha sua luta a fim de estabelecer a primazia desta teoria :

<sup>10</sup> TERTULIANO, 1980, IV, 2. Nossa tradução em português do francês. Cf. também ANDRESEN, 1984, p. 399-413 e ARMSTRONG, 1984, p. 414-431.

<sup>11</sup> Cf. DILLON, 1977, p. 47-48.

<sup>12</sup> Cf. FROIDEFOND, 1987, p. 184-233.

<sup>13</sup> Para um estudo aprofundado desta questão cf. FERRARI, 1996, p. 121-142 e F. FERRARI, 1997.

1. O ponto capital (τὸ δὲ κεφάλαιον), a força (τὸ κῦρος) da escola de Platão, é a ordem dos inteligíveis (ἡ περὶ τῶν νοητῶν διάταξις); ora, esta teoria foi depreciada, injuriada, vilipendiada no que dependia de Aristóteles. (...) 2. Ora, o auge (ἄκρον), o cume (ἔσχατον) do pensamento de Platão, é a consideração desta essência inteligível e eterna das Ideias (τὸ περὶ τὴν νοητὴν ταύτην καὶ αἰδίου οὐσίαν τὴν τῶν ιδεῶν), ‘onde a alma afronta o desafio e o combate supremos’. Com efeito, participar desta (μετασχὼν), atingi-la (ἐφικόμενος), é a perfeita felicidade; ficar para trás, sem poder contemplá-la, é o desamparo que não toma parte desta felicidade. 3. Eis porque Platão luta de todos os modos, mostrando a força dessas naturezas; para ele, impossível de determinar com exatidão a causa (αἰτίαν) de qualquer coisa se não se participa (μετέχει) delas, nem de conhecer uma verdade qualquer (γινῶσιν τινοῦ ἀληθοῦς) sem ascender (ἀναφορᾷ) até elas; não se teria nem mesmo acesso ao raciocínio (λόγου μετέσσεσθαί τιςιν) se não se assume a existência delas (οὐσίαν ὁμολογήσειαν). 4. Quanto àqueles que decidiram defender a doutrina de Platão, eles fizeram desta questão seu principal terreno de discussão, e eles são obrigados a fazer isso (Οἱ τ’ αὐτὰ τοῦ Πλάτωνος συνιστάναι ἐγνωκότες τὸν πλεῖστον ἀγῶνα τῶν λόγων ἐν τούτῳ τίθενται πάνυ ἀναγκαιῶς.); na verdade, nada resta do platonismo (Οὐδὲν γὰρ ἔτι τὸ Πλατωνικὸν ἀπολείπεται) se não se concede, em favor de Platão, estas naturezas primeiras e absolutamente primordiais (εἰ μὴ τὰς πρώτας φύσεις ταύτας συγχωρήσεται τις αὐτοῖς ὑπὲρ Πλάτωνος.); porque é sobretudo por causa destas que ele prevalece sobre os outros (Ταῦτα γὰρ ἔστιν οἷς μάλιστα τῶν ἄλλων ὑπερέχει.). 5. Compreendendo, com efeito, que é em relação à elas que Deus é de todas as coisas o Pai, o Demiurgo, o Mestre, o Tutor; reconhecendo, a partir de suas obras, que este artesão tinha antes de tudo concebido isso que ele deveria produzir, e em seguida, que uma vez o modelo concebido, Ele faria as coisas em conformidade (Νοήσας γὰρ θεὸν πρὸς αὐτὰ τῶν ἀπάντων πατέρα καὶ δημιουργὸν καὶ δεσπότην καὶ κηδεμόνα, καὶ γνωρίζων ἐκ τῶν ἔργων τὸν τεχνίτην πρότερον νοῆσαι τοῦτο ὃ μέλλει δημιουργήσιν, εἴθ’ οὕτω τῷ νοηθέντι κατόπιν ἐπὶ τῶν πραγμάτων προσάγειν τὴν ὁμοιότητα.), Platão abrangeu com o olhar os pensamentos de Deus mais antigos que as coisas (τὰ τοῦ θεοῦ νοήματα πρεσβύτερα τῶν πραγμάτων): os modelos incorporais e inteligíveis do que vem à existir (τὰ τῶν γενομένων παραδείγματα, ἀσώματα καὶ νοητά), os quais permanecem sempre identicamente os mesmos, que existem em si soberanamente e primordialmente e são, além disso, causas parciais do fato de que cada coisa é tal como ela é, segundo sua semelhança com eles; ele viu que tudo isso não era fácil de ser observado, nem suscetível de ser manifestado claramente através do discurso (κατὰ τὰ αὐτὰ καὶ ὡσαύτως ἔχοντα αἰεὶ. Μάλιστα μὲν καὶ πρώτως αὐτὰ ὄντα παραίτια δὲ καὶ ἄλλοις τοῦ εἶναι. Τοιαῦτα ἕκαστα οἷα περ ἔστί. Κατὰ τὴν πρὸς αὐτὰ ὁμοιότητα, συνιδὼν ὁ Πλάτων ὄντα οὐ ῥᾶστα ὀφθῆναι, οὐ μὴν οὐδὲ λόγῳ σαφῶς δηλωθῆναι δυνάμενα); (...) <Platão> fundou sobre essa teoria toda a sua filosofia (τὴν σύμπασαν αὐτοῦ φιλοσοφίαν εἰς τοῦτο συνταξάμενος), ele proclamou que dessas Ideias e da inteligência delas (περὶ ταῦτα φησι καὶ τὴν τούτων νόησιν) dependia a sabedoria e a ciência que dão ao homem a sua finalidade, a vida bem-aventurada »<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Nós seguimos (com algumas modificações) a tradução de DES PLACES, 1977, p. 68-69; nossa tradução do francês. Uma visão detalhada de todos os aspectos da filosofia de ÁTICO é apresentada por MORESCHINI, 1987, p. 477-491. Cf. também DES PLACES, 1984, p. 432-441. Uma análise da presença desse fragmento de ÁTICO na dissertação de SANTO AGOSTINHO, *Sobre as Ideias* (que pertence à compilação *De Diversis quaestionibus LXXXIII* e ocupa o número 46) é apresentada por J. PÉPIN, 1990, p. 163-180.

Parece oportuno analisar vários aspectos desse fragmento que demonstra antes de tudo que, segundo Ático, uma verdadeira compreensão de Platão implica a aceitação da «essência inteligível e eterna das Ideias». Segundo sua interpretação, a teoria das Ideias de Platão se articula em torno de uma teologia estruturada sobre três princípios : θεός – παράδειγμα – ὅλη. Ático se refere, no fragmento 9, ao θεός pelas expressões ‘Deus’, ‘Pai’, ‘Demiurgo’, ‘Mestre’ e ‘Tutor’ enquanto que ele se refere ao παράδειγμα pelas definições ‘modelos do que vem à existir’, ‘incorporais’, ‘inteligíveis’, ‘sempre identicamente os mesmos’, ‘que existem em si soberanamente e primordialmente’, ‘causas parciais’.

Para melhor assimilar a separação hierárquica entre o θεός e o παράδειγμα proposta por Ático, nós devemos dirigir nossa atenção para a crítica de Proclo explicitada no fragmento 12<sup>15</sup>:

Ático (...) identifica imediatamente o Demiurgo com o Bem, *ainda que, em Platão, o Demiurgo seja nomeado ‘bom’, não ‘o Bem’, e que ele seja chamado Intelecto, enquanto que o Bem é a causa de toda essência e para além do ser, como nós podemos aprender lendo a República (VI 509 b 9.* Por outro lado, que poderia dizer Ático do Modelo (τοῦ παραδείγματος) ? Ou Ele é, com efeito, anterior ao Demiurgo e seria superior em dignidade ao Bem, ou Ele é no Demiurgo e, neste caso, o Primeiro seria várias coisas (*scil.* o Bem e o Modelo), ou Ele é posterior ao Demiurgo e nesse caso o Bem, o que não é nem mesmo concebível, se voltaria em direção a isso que vem depois dele e teria deste intelecção.

Proclo afirma que Ático identifica o primeiro princípio da realidade ao mesmo tempo ao Bem e ao Demiurgo. Além disso, segundo os argumentos de Proclo assinalados na citação acima em itálico, é demonstrado que por causa desta identificação, não importa em qual posição Ático situe o Modelo em relação ao Demiurgo (acima, no interior de, ou abaixo Dele), Ático se engana e sua teoria se revela indefensável porque, segundo Proclo, o Bem deve ser superior ao Demiurgo e Este deve ser identificado ao Intelecto. Com efeito, a diferenciação entre o Bem e o Demiurgo constitui uma das principais « retificações » que os neoplatônicos reivindicaram contra a estrutura hierárquica medioplatônica de Ático.

O fragmento 34 de Ático, citado por Proclo a partir de Porfírio, mostra mais claramente a hierarquia proposta por Ático e a localização das Ideias abaixo do Demiurgo (veremos também esta mesma ideia em Longino) : « Ático se perguntou, a propósito desse texto, se o próprio Demiurgo foi abarcado pelo Vivente inteligível (o paradigma). Parece com efeito que, se o Demiurgo for abarcado, Ele não é perfeito porque, diz ele, os viventes parciais

---

<sup>15</sup> O fragmento 12 de ÁTICO foi encontrado em PROCLO, *Commentaire au Timée*, I, 305, 6-16 (= *op. cit.*, 2006 (1967), t. II, p. 158-159).

são imperfeitos, e por esta razão aqueles que lhes são semelhantes não são belos ; se, ao contrário, ele não é abarcado, o Vivente-em-si não é mais abrangente do que a totalidade dos inteligíveis. Na dúvida, ele admitiu com superficialidade que o Demiurgo está acima do Vivente-em-si. »<sup>16</sup>.

Proclo analisa o raciocínio de Ático sobre a passagem do *Timeu*, 30 d 2 – 31 a 1, que conclui colocando o Paradigma (παράδειγμα) ou o Vivente inteligível depois do Demiurgo. As Ideias são assim definidas como inferiores e exteriores ao Demiurgo e Este deve se voltar na direção de um modelo paradigmático que lhe é ontologicamente inferior. Ora, para Proclo, o Demiurgo deve coincidir com o Intelecto e com o Vivente-em-si de modo a possuir Nele mesmo todas as Ideias. A identificação do Demiurgo ao Vivente-em-si constitui uma outra retificação importante reivindicada pelo neoplatonismo contra o pensamento de Ático (e veremos, em seguida, igualmente contra o pensamento de Longino).

O fragmento 28 resume perfeitamente toda a crítica feita por Porfírio e, em seguida, por Proclo a Ático à respeito da definição das Ideias e da sua localização. Ele mostra bem que o problema da localização das Ideias está estreitamente relacionado à definição dos níveis de realidade e da relação entre Deus e as Ideias :

O criador que (Ático) assume como princípio também não corresponde ao pensamento de Platão. (*Segundo Platão,*) com efeito, as Ideias não existem por elas-mesmas (καθ'αυτάς) separadas do Intelecto, mas o Intelecto, uma vez voltado para Si-mesmo, vê (Nele mesmo) todas as formas ; sendo esta a razão pela qual o estrangeiro de Atenas (Lois, X, 898b 2) comparou à rotação que uma « esfera faz ao redor do seu eixo » a atividade do Intelecto ; Ático, através da sua doutrina segundo a qual as Ideias subsistem por elas mesmas e fora do intelecto, as apresenta como inertes, semelhantes às estatuetas dos *coroplastes* (οἱ δ'ἀδρανεῖς τὰς ιδέας τύποις κοροπλαθικοῖς ἐοικυίας ἐφ'ἑαυτῶν οὔσας καὶ ἔξω τοῦ νοῦ κειμένας εἰσάγουσιν.). – O Demiurgo não é o Deus primordial (οὔτε ὁ δημιουργός ὁ πρώτιστός ἐστι θεός); porque este é superior a toda a essência intelectual<sup>17</sup>.

Assim, Porfírio mas também Proclo, ao afirmarem que o Deus Primeiro é o Bem e que o Demiurgo não é nem o Deus Primeiro, nem o Bem, mas que ele constitui um segundo Deus que coincide com o Intelecto e que possui em si mesmo as Ideias, contradizem Ático para quem as Ideias existem por Elas mesmas separadamente do Demiurgo e têm assim uma natureza independente Deste. Porfírio e Proclo mostram, além disso, que a concepção de

<sup>16</sup> O fragmento 34 de ÁTICO foi encontrado em PROCLO, *Commentaire au Timée*, I, 431, 14-20 (= *op. cit.*, 2006 (1967), t. II, p. 309).

<sup>17</sup> O fragmento 28 de ÁTICO foi encontrado em PROCLO, *Commentaire au Timée*, I, 339, 31 – 394, 12 (= *op. cit.*, 2006 (1967), t. II, p. 261-263).

Ático, segundo a qual as Ideias estariam fora de Deus, tem por consequência apresentar as Ideias como estáticas, como se Elas fossem estatuetas imóveis que esperariam o olhar do Demiurgo.

Esta crítica de Porfírio retomada por Proclo lembra a passagem de Plotino no *Tratado* 32, 1, 44-50, que expõe suas reservas quanto à definição dos inteligíveis fora do Intelecto, porque esta compreensão dos inteligíveis comprometeria a existência mesma do Intelecto como tal. De fato, se aceitamos esta teoria:

Como o Intelecto em seu percurso ao redor deles (os inteligíveis), os encontraria? E como se fixaria? Dito de outro modo, como ele permaneceria em sua identidade? De uma maneira geral, qual forma ou marca (μορφήν ἢ τύπον) ele possuiria? Pode-se imaginar que eles possam ser erigidos (ἐκκείμενα) como estátuas (ἀγάλματα) de ouro ou de uma outra matéria, criadas por um escultor ou um pintor? Então, se é assim, o Intelecto que os contempla seria sensação. Mas porque um dos inteligíveis assim determinado como estátua representaria a justiça e o outro, outra coisa? (nossa tradução).

A crítica de Plotino não é endereçada explicitamente ou especificamente a Ático mas a certas doutrinas medioplatônicas pagãs ou gnósticas que concebem os inteligíveis fora do Intelecto. Com efeito, a polêmica antignóstica presente no *Tratado* 32 deve ser compreendida como sendo também uma polêmica anti-medioplatônica porque os gnósticos participavam e foram influenciados pelas discussões das escolas platônicas dos primeiros séculos de nossa era. Além disso, não somente as doutrinas medioplatônicas eram estudadas na escola de Plotino, como sublinhamos antes, mas também os fragmentos de Ático, que chegaram até nós através de Proclo e outros autores tardios, provém provavelmente na maior parte de Porfírio<sup>18</sup> e foram talvez motivados pelo debate que ocorreu dentro da escola de Plotino.

Esses fragmentos que examinamos mostram claramente a posição assumida por Ático no que concerne à localização do mundo das Ideias no exterior de Deus em uma relação de primazia Dele sobre as Ideias. Deste modo, Ático parece se distanciar não somente da posição platônica segundo a qual as Ideias são ontologicamente superiores ao Demiurgo, mas também da posição corrente no medioplatonismo que afirma a primazia de Deus sobre as Ideias porque Deus possui em si o paradigma na medida em que este constitui seus pensamentos. Esta questão dá lugar ainda hoje a controvérsias entre os especialistas<sup>19</sup>. O que provoca discussão é a expressão « pensamentos de Deus (τὰ τοῦ θεοῦ νοήματα) » que se encontra no

<sup>18</sup> Cf. MORESCHINI, 1987, p. 478 e n. 6 e DILLON, 1977, p. 251.

<sup>19</sup> Cf. DILLON, 1977, p. 254-255 ; DES PLACES, 1977, p. 86 e MORESCHINI, 1987, p. 488.



fragmento 9 que analisamos em primeiro lugar e que constitui o único testemunho que temos de Ático. Festugière oferece uma excelente interpretação dessa passagem mostrando que não se trata de uma identificação das Ideias Modelos com os pensamentos de Deus, como formula Alcínoo, mas que se trata na verdade da « concepção que o Artesão faz ele mesmo da obra na medida em que ele contempla as Ideias Modelos independentes dele »<sup>20</sup>.

Assim, Ático não adere à tese de Alcínoo para explicar a primazia de Deus sobre as Ideias, mas ele se exprime definindo Deus como a única principal causa inteligível, e as Ideias como sendo « causas parciais (παραίτια) ». Esta definição das Ideias como « causas parciais » remonta a Sêneca<sup>21</sup>, mas recebe em Ático um outro significado por sua posição em contraste com Deus, Causa primeira. Além disso, a única ocorrência da expressão « pensamentos de Deus (τὰ τοῦ θεοῦ νοήματα) » enunciada em Ático, se situa no fragmento 9, onde também é apresentada a definição das Ideias como « causas parciais ». Claudio Moreschini (1987, p. 489, n. 33)<sup>22</sup> argumenta ainda sublinhando o fato que Ático não identifica Deus ou o Demiurgo com o Intelecto, e ainda menos com o Intelecto que se pensa Si mesmo tal como o define Aristóteles, porque ele recusa categoricamente interpretar Platão a partir de Aristóteles.

Enfim, podemos nos debruçar sobre o fragmento 40 de Ático, proveniente de Siriano<sup>23</sup>, onde se constata que Ático não coloca as Ideias no interior de Deus, nem as concebe como um verdadeiro κοσμός νοητός transcendente (o que já era implícito na definição das ideias como causas parciais), mas os aproxima da noção estóica das razões seminais:

Nem Plutarco, nem Ático, nem Demócrito — eu falo dos platônicos — nos dão vontade de imitá-los quando eles fazem das Ideias as razões universais que existem eternamente na essência da alma <cósmica> (ὅτι γε τοὺς καθόλου λόγους τοὺς ἐν οὐσίᾳ τῇ ψυχικῇ διαιωνίως ὑπάρχοντας ἡγοῦνται εἶναι τὰς ιδέας)<sup>24</sup>.

Deste modo, esses últimos argumentos e os testemunhos de Porfírio e de Proclo contradizem a ideia de que Ático poderia concordar com o platonismo aristotélico proposto por certos médioplatônicos (como por exemplo Alcínoo e Apuleio)<sup>25</sup> que consideram as Ideias como « pensamentos de Deus ». Ático fundamenta sua interpretação sobre a mesma

<sup>20</sup> Nota 1, p. 262 de sua tradução de PROCLO, *Commentaire au Timée*, 2006 (1967), t. II.

<sup>21</sup> Cf. *Lettres à Lucilius*, 65, 13.

<sup>22</sup> Ele se apóia em DONINI, 1982, p. 115.

<sup>23</sup> Cf. SIRIANO, 1902, p. 105, 36-38.

<sup>24</sup> Para compreender melhor a noção de alma cósmica em ÁTICO cf. MORESCHINI, 1978, p. 157-158.

<sup>25</sup> A propósito desse tema cf. JONES, 1926, p. 317-326 e RICH, 1954, p. 123-133.

tríade de princípios (Deus, o Modelo Ideal e a Matéria) que seus adversários medioplatônicos, mas ele exclui as interpretações aristotélicas deles dando assim origem a incertezas sobre o estatuto ontológico das Ideias e sua localização hierárquica que, como vimos, foram fortemente criticadas por Proclo e Porfírio<sup>26</sup>.

Com efeito, Alcínoo integrou as visões de Platão e de Aristóteles sobre as Ideias. Segundo Arthur Hilary Armstrong, ele foi o primeiro na tradição platônica a realizar a leitura conjunta da doutrina aristotélica da identidade entre o pensamento do Intelecto Divino e seu objeto (νοητόν), expressa em *Metafísica*, 1074b – 1075a, e a teoria das Ideias platônicas como pensamentos de Deus<sup>27</sup>. Em outros termos, Alcínoo interpretou o νοητόν aristotélico como sendo as Ideias platônicas. Podemos dizer, de maneira sintética, que Platão estabeleceu as Ideias como a Realidade absoluta, ontologicamente acima do Demiurgo ou do Intelecto que as contemplam, e que Aristóteles designou como primeiro princípio o Intelecto Divino ‘pensamento de pensamento’ e considerou as Ideias como as « formas » intrínsecas às realidades sensíveis, pertencentes ao intelecto humano, que pensa suas realidades, e não ao Intelecto Divino. Para resolver as aporias relativas à definição platônica que situa as Ideias como muito distantes do Demiurgo e aquelas relativas à concepção aristotélica que as coloca abaixo do Demiurgo, Alcínoo corrigiu uma doutrina com a ajuda da outra, integrando-as reciprocamente. Assim, ele pode preservar a noção de um Primeiro Princípio enquanto Intelecto —‘pensamento de pensamento’— preconizado por Aristóteles e admitir, tal qual sugere Platão, a existência das Ideias paradigmáticas, fazendo destas os conteúdos do pensamento do Intelecto Divino aristotélico.

Plotino adere à leitura combinada de Platão e Aristóteles instaurada por Alcínoo e se encarrega, com a tradição neoplatônica, de desenvolver esta harmonia entre Platão e Aristóteles. Por outro lado, Plotino especifica que as formas inteligíveis não são o resultado de atos do pensamento de Deus isto é, que elas não surgem de um ato produtor do Intelecto Divino, mas existem antes mesmo de serem pensadas por Ele. Além disso, ele introduz um Deus Primeiro acima desse Intelecto Divino porque ele considera que a uni-multiplicidade que o caracteriza não é adequada para ilustrar a absoluta simplicidade do Princípio Supremo.

Plotino considera também que, se o Intelecto pensa as Ideias ou as formas inteligíveis, elas são idênticas a Ele e que o Intelecto é a totalidade das Ideias. O Intelecto e as Ideias

---

<sup>26</sup> Cf. DONINI, 1982, p. 115.

<sup>27</sup> Cf. ARMSTRONG, 1960, p. 403-405 ; ALCÍNOO, 1990, IX e X, especialmente p. 20 ; 21 e 23.

constituem na verdade uma só e única realidade que pode ser descrita a partir de diferentes perspectivas<sup>28</sup>. Ele ilustra essa relação entre o Intelecto e os inteligíveis pela fórmula de Anaxágora « tudo-reunido (ὁμοῦ πάντα) »<sup>29</sup>.

Na verdade, Plotino estrutura seu pensamento a partir de uma exegese conjunta da *Metafísica* e do *Sobre a Alma* de Aristóteles<sup>30</sup>, e da influência de Alexandre de Afrodísia. Com efeito, nessas passagens do *Sobre a Alma*, Aristóteles mostrou que no caso dos objetos imateriais existe identidade entre o sujeito que pensa e o objeto pensado e que a inteligência, que é substancialmente atividade, opera sempre. Aristóteles também afirma nessas passagens da *Metafísica* que o Intelecto Divino se pensa a si-mesmo enquanto seu próprio objeto de pensamento e que, em razão da identidade entre o pensador e o pensado, o Pensamento Divino e seu objeto são idênticos e formam uma unidade. Quanto a Alexandre de Afrodísia, ele reuniu estas ideias de Aristóteles e propôs em seguida que o intelecto-agente do *Sobre a Alma* corresponde ao intelecto Divino da *Metafísica*.

Assim, o fato de que o Intelecto seja uno e múltiplo pois ele contém em si todos os inteligíveis e é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de pensamento porque ele se pensa a si-mesmo constantemente, explica porque Plotino considera que o Intelecto que pensa as Ideias não pode ser o Princípio Supremo absolutamente simples.

É interessante destacar que a separação estabelecida por Ático entre Deus e as Ideias e sua recusa em definir as Ideias como « pensamentos de Deus », o distancia dos outros medioplatônicos e, de uma certa maneira, o aproxima de Plotino, na medida em que este fará do Deus Primeiro um princípio diferente do Intelecto que Se pensa a Si-mesmo.

As críticas de Porfírio a Ático sobre o problema de saber se o inteligível é indissociável do Intelecto<sup>31</sup> (relatadas por Proclo em seu *Comentário ao Timeu*) foram

<sup>28</sup> A. H. ARMSTRONG assinala que sem dúvida ALCÍNOO não é a única fonte dos elementos aristotélicos presentes na doutrina plotiniana do Intelecto. Ele sublinha (1960, p. 405 e seg.) como SZLEZÁK (1997, p. 181-192 ; 1979) a importância dos comentadores peripatéticos e, em particular, de ALEXANDRE DE AFRODÍSIA. As numerosas observações desses autores a propósito da influência da leitura aristotélica de ALEXANDRE DE AFRODÍSIA sobre a noética plotiniana mereceria uma análise aprofundada que constituiria, por sua complexidade, um trabalho à parte. Para um estudo detalhado das doutrinas aristotélicas presentes nos autores do primeiro século A.C. até ALEXANDRE DE AFRODÍSIA (segundo século D.C.) ver as obras de MORAUX, 1942, 1973, 1984, 2000, 2001. Cf. também HAMELIN, 1953. Para informações suplementares concernentes à elaboração da doutrina plotiniana da subsistência dos inteligíveis no interior do Intelecto cf. ARMSTRONG, 1960, p. 391-425 ; PEPIN, 1954, p. 373-400 e 1956, p. 39-55 (reeditado em *De la Philosophie ancienne à la théologie patristique*, London, Variorum Reprints, 1986) ; HADOT, 1996, p. 367-376.

<sup>29</sup> ANAXÁGORA, Fragmento B 1.

<sup>30</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, Λ, 1074 b – 1075 a e *Sobre a Alma*, III, 4, 430 a 2-5 ; III, 5, 430 a 19-20 = III, 7, 431 a 1.

<sup>31</sup> Cf. DILLON, 1977, p. 255.

provavelmente inspiradas, e em seguida redigidas, após o debate do qual Porfírio participou no seu início na escola de Plotino<sup>32</sup> em Roma, por volta dos anos 264-265<sup>33</sup>. Porfírio se opôs a Plotino sobre esta questão filosófica de primeira importância se apoiando sobre o vasto conhecimento das teorias dos exegetas platônicos que ele adquiriu junto de seu precedente mestre, Longino<sup>34</sup>, entre os anos 253-263 em Atenas. Longino comentou as obras de Platão e aderiu às suas doutrinas apesar de seu conhecimento aprofundado de Aristóteles e de suas influências estoicas. O próprio Longino esteve na escola de Ammonius Saccas antes de Plotino<sup>35</sup> e seguiu uma linha de interpretação medioplatônica muito próxima daquela de Plutarco e de Ático.

Deste modo, a crítica de Porfírio a Plotino na querela sobre a localização dos inteligíveis estava impregnada de seu conhecimento das doutrinas de Longino e de seus predecessores, o que explica porque o que estava em jogo filosoficamente nesta querela era considerável. Os numerosos questionamentos que essa querela suscitou entre Plotino, Amélio, Porfírio e Longino terminaram por relegar definitivamente fora do cenário filosófico as posições medioplatônicas de Plutarco, de Ático e de Longino<sup>36</sup> a propósito das Ideias, mostrando assim que se tratava, nem mais nem menos, de uma querela sobre « a posição que distingue o neoplatonismo, que Plotino contribuiu para fazer nascer e desenvolver, do medioplatonismo, ao qual Longino se manteve fiel »<sup>37</sup>.

Longino sustentou como Ático que as Ideias estão no exterior do Demiurgo, ou ainda, que as realidades inteligíveis não estão no interior do Intelecto mas abaixo Dele. É uma das razões pelas quais Matthias Baltes<sup>38</sup> sugere que Longino tenha sido influenciado por Ático. As relações que o Modelo e o Demiurgo mantém entre si, segundo Longino, são explicitadas no comentário de Proclo à passagem 28 c 5 – 29 a 2 do *Timeu* que supõe-se ter também

---

<sup>32</sup> Nós falamos de uma escola de Plotino nos termos definidos por GOULET-CAZE, 1982, p. 257.

<sup>33</sup> Ou seja, pouco tempo depois de sua chegada a Roma em 263. Cf. PORFÍRIO, t. II, 1992, § 21, 12-13 e GOULET, 1982, p. 189-227, e sobretudo p. 213.

<sup>34</sup> Cf. Fragmento 3 a de LONGINO, linhas 22-25 (BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5237) : « Junto de Longino, Porfírio atingiu a mais alta cultura e, como seu mestre, ele alcançou um conhecimento perfeito de tudo o que se refere à gramática e à retórica ; mas ele não se dedicou exclusivamente a esse gênero de estudo, porque ele se impregnou de todas as doutrinas filosóficas ».

<sup>35</sup> Cf. BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5220-5221.

<sup>36</sup> Cf. FREDE, 1990, p. 183-190.

<sup>37</sup> BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5258.

<sup>38</sup> BALTES, 1983, p. 38-57.

servido de suporte aos argumentos de Longino<sup>39</sup>. Este fragmento resume bem as diferenças entre as posições de Plotino, de Longino e de Porfírio (quando ele deixará a escola de Plotino).

Eis aqui o fragmento 7 c :

Na medida em que com efeito, entre os Antigos, uns, tal como Plotino<sup>40</sup>, conceberam o Demiurgo Ele-mesmo como contendo os modelos do Universo, enquanto que outros, recusando esta opinião, conceberam o Modelo ou antes do Demiurgo ou depois Dele — antes Dele, como Porfírio<sup>41</sup>, depois Dele, como Longino<sup>42</sup>.

Longino concebe assim as Ideias fora do Demiurgo baseando-se nos diálogos de Platão que as apresentam geralmente como os objetos naturais do intelecto que tenta apreendê-los porque eles estão no exterior Dele. Ele dá atenção particularmente à passagem 132 b-c do *Parmênides*<sup>43</sup> onde é recusada a hipótese segundo a qual as Ideias não são mais que pensamentos do intelecto, com o argumento de que as Ideias não são o pensamento ele-mesmo mas aquilo acerca do qual o pensamento pensa, ou seja, o objeto extrínseco ao ato de pensar e não o ato de pensar ele mesmo. Quanto à afirmação de que as Ideias estão abaixo do Demiurgo, Longino interpreta a célebre passagem 39e do *Timeu*, onde ele identifica a existência de um Deus unitário que contempla as Ideias, sem aceitar assim a distinção feita por Plotino e outros platônicos entre Deus e o Demiurgo. Vimos que tal interpretação reaviva as posições de Ático e que essas questões estavam no centro das exegeses e das controvérsias platônicas dos primeiros séculos. Longino concebe as ideias como estando abaixo do Demiurgo sob a influência do pitagorismo que identificava o Princípio último da realidade ao Uno. Assim, como Longino não distingue entre Deus e o Demiurgo e concebe estes como o Princípio Último, ele identifica este Deus unitário ao Uno e, uma vez que a pluralidade dos seres depende do Uno, as Ideias não podem deixar de ser inferiores a Ele.

Face ao problema que consiste em explicar como as Ideias existem separadamente de Deus e são ao mesmo tempo dependentes Dele, Longino propõe que a existência das Ideias

---

<sup>39</sup> LONGINO foi um leitor metódico dos diálogos de PLATÃO e em particular do *Timeu* como nós podemos constatar por suas numerosas observações, conservadas por PROCLO na primeira parte de seu comentário a esse diálogo.

<sup>40</sup> Cf. *Traité 13* (III, 9), 1. FESTUGIÈRE faz um comentário dessa passagem na nota 2 à sua tradução de PROCLO (*Commentaire au Timée*, I, 305, 16 e seg) em 2006 (1967), t. II, p. 159.

<sup>41</sup> Cf. HADOT, 1966, p. 127-163.

<sup>42</sup> BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5284-5285. Cf. PROCLO, *Commentaire au Timée*, t. I, 322, 20-24.

<sup>43</sup> Cf. também PROCLO, *In Parmenidem*, p. 896, cf. COUSIN, 1864, p. 17-20, que cita e refuta a posição de LONGINO mas sem mencionar seu nome.

seja concebida à maneira do *lektón* dos estóicos. É o que podemos constatar no fragmento 7b que citamos a seguir:

[Os inteligíveis] não existem nem mesmo, paralelamente ao intelecto, de maneira análoga aos famosos ‘expressáveis’, posição que Longino escolheu fazer prevalecer. Na verdade, não existe absolutamente nada paralelamente ao intelecto, já que isto que existiria paralelamente [ao intelecto] seria privado de ser. Como a mesma coisa poderia ser ao mesmo tempo um inteligível e alguma coisa que existe paralelamente [ao intelecto]?<sup>44</sup>

A analogia que Longino estabelece entre a Ideia e o *lektón* se justifica pelo fato de que:

A Ideia, como o *lektón*, é o conteúdo do pensamento que não deve se confundir com o pensamento ele-mesmo. A Ideia, como o *lektón*, tem sua existência própria ou, pelo menos, sua subsistência fora do intelecto ou do espírito. A Ideia, como o *lektón*, é incorporeal, inteligível ao invés de sensível. E mesmo se os estóicos pensam que existem *lektá* que começam ou cessam de ser, o *lektón* é geralmente eterno e imutável. Deste modo, podemos dizer que todas as proposições são eternas e imutáveis. Além disso, Longino provavelmente pensou que o conteúdo proposicional de uma frase ou de uma impressão era eterno e imutável como as Ideias.<sup>45</sup>

É importante destacar que Plotino recusa a definição dos inteligíveis como « ‘expressáveis’ (λεκτά) » no *Tratado* 32, 1, 38-44:

Por outro lado, se eles (os inteligíveis) são desprovidos de inteligência e se eles são sem vida, em que são eles seres ? Pois eles certamente não são ‘proposições’ (προτάσεις), nem ‘enunciados’ (ἀξιώματα), nem ‘expressáveis’ (λεκτά) porque senão eles mesmos diriam precisamente alguma coisa sobre objetos diferentes deles e os inteligíveis, eles mesmos, não seriam os seres : por exemplo a proposição « o justo é belo » é distinta do justo e do belo eles mesmos. Se, por outro lado, se pretende que os inteligíveis são termos simples, tais como ‘justo’ ou ‘belo’ tomados separadamente, inicialmente o inteligível não constituiria uma unidade e não estaria na unidade mas cada inteligível seria separado. Mas onde eles teriam eles se separado e em quais lugares teriam se repartido?

Sabemos pela citação de Porfírio<sup>46</sup> do prefácio do livro de Longino, *Sobre o Fim. Contra Plotino e Gentiliano Amélio*, o qual foi redigido entre 265 e 268, que este último redigiu seu tratado contra Plotino e Amélio porque ele os considerava como superiores a Numênio e a outros filósofos de seu tempo. Esta citação nos ensina igualmente que Longino tinha também redigido anteriormente uma obra contra esses filósofos, na qual ele criticou a

<sup>44</sup> BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5283-5284. Cf. SIRIANO, 1902, p. 105, 25-30.

<sup>45</sup> FREDE, 1990, p. 93. A tradução do espanhol é nossa.

<sup>46</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 20, p. 164-169.

concepção dos inteligíveis expressa por Plotino em seu tratado *Sobre as Ideias* e a palinódia escrita por Porfírio, sustentando as posições de Plotino e de Amélio em conclusão à querela que teve lugar no seio da escola de Plotino no momento da chegada de Porfírio<sup>47</sup>. Eis aqui as passagens particularmente interessantes sobre esse ponto:

Mas aqueles que, pelo grande número de problemas que trataram, mostraram bem que eles levavam a sério o ato de escrever e que instauraram uma maneira de pensar original, são Plotino e Gentiliano Amélio. O primeiro explicou os princípios pitagóricos e platônicos, como ele os entendia, mais claramente que seus predecessores; os escritos de Numênio, de Cronio, de Moderato e de Thrasylo estão longe de atingir a mesma exatidão que aqueles de Plotino sobre os mesmos assuntos. Amélio, por sua vez, se esforçou em caminhar sobre os passos de Plotino e de se ater no que concerne à maior parte das questões às mesmas doutrinas (...). É deles e somente deles, pensamos, que vale a pena examinar os escritos. (...) e nós (Longino) o temos feito no que diz respeito a outros escritos, quando por exemplo (...) examinamos o tratado de Plotino *Sobre as Ideias*. Com efeito, quando este que foi ao mesmo tempo amigo deles (de Plotino e de Amélio) e nosso, Basileus de Tyr (Porfírio), que compôs numerosos tratados do mesmo modo que Plotino, o qual ele escolheu seguir ao invés de nós, tentou provar através de uma obra, que Plotino tinha sobre as Formas uma doutrina melhor do que esta à qual aderimos, acreditamos ter suficientemente mostrado em nosso escrito contra ele (Porfírio) que este cometeu um erro ao compor sua palinódia. Nesta obra, colocamos em questão um bom número de doutrinas desses filósofos (Plotino, Amélio e Porfírio).<sup>48</sup>

Esta obra polêmica de Longino contra o tratado *Sobre as Ideias* de Plotino e a *Palinódia* de Porfírio foi provavelmente escrita por volta de 264-265, em seguida à querela provocada pela chegada de Porfírio na escola entre 263-264. É então possível afirmar que os fragmentos 7b e 7c que citamos anteriormente e que dizem respeito à localização das Ideias em relação ao Demiurgo-Intelecto se apóiam sobre essa obra<sup>49</sup>.

Assim, em função da já mencionada crítica de Plotino no *Tratado 32* à concepção das Ideias como λεκτά e do contexto bem determinado no qual essa obra de Longino se situa, podemos pensar que na verdade Longino se refere pelo título *Sobre as Ideias* ao *Tratado 32*

<sup>47</sup> Cf. PORFÍRIO, t. II, 1992, § 18, 10-19 (= Fragmento 7 a de LONGINO, BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5283): « (...) quando comecei a ser ouvinte dos ensinamentos de Plotino (...) eu escrevi uma refutação para atacá-lo tentando mostrar que o inteligível subsiste fora do intelecto. Ele deu as minhas críticas para Amélio ler e, uma vez a leitura feita, sorriu: ‘És tu Amélio, disse ele, quem deverá resolver as aporias nas quais ele caiu por ignorância das nossas posições’. Depois que Amélio escreveu um livro, que não era curto, ‘Contra as aporias de Porfírio’, e eu por minha vez fiz uma refutação desse escrito, e que Amélio respondeu a esta refutação, e depois ainda de, em um terceiro momento, ter compreendido com grande dificuldade isto que se dizia, eu, Porfírio, mudei de opinião e escrevi uma palinódia que eu li no curso » (nossa tradução do francês).

<sup>48</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 20, 69-99. Cf. Fragmento 2 de LONGINO segundo a tradução ligeiramente modificada de BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5234-5235 e p. 5259.

<sup>49</sup> Tal é a opinião de BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5259.

intitulado *Sobre o Intelecto e que os inteligíveis não são externos ao Intelecto e sobre o Bem*. Segundo as indicações cronológicas de Porfírio sobre a ordem de redação dos escritos de Plotino, o *Tratado 32* teria sido escrito na primeira parte de sua permanência junto a Plotino, no mesmo momento ou logo após o início da querela sobre a localização das Ideias no interior da escola de Plotino. Sobre o problema referente aos diferentes títulos dados a esse tratado, respectivamente por Longino e por Porfírio, sabemos por Porfírio<sup>50</sup> que Plotino não deu títulos a seus tratados. Cada um de seus leitores lhes atribuiu um título diferente e os títulos apresentados na edição porfiriana dos escritos de Plotino são esses que, de uma certa maneira, prevaleceram. Desse modo, estamos de acordo com L. Brisson e M. Patillon<sup>51</sup> que sustentam esta hipótese e contra a opinião de P. Henry e de H.-R. Schwyzer que identificam o tratado *Sobre as Ideias* citado por Longino ao *Tratado 5 (V, 9)* intitulado *Sobre o Intelecto, as Ideias e o Ser*. Esse tratado, que pertence ao grupo dos primeiros tratados compostos por Plotino em torno de 253, seria assim bem anterior aos anos 263-264 quando teve lugar a querela sobre a localização dos inteligíveis.

O *Tratado 32* nos informa não somente sobre a recusa de uma concepção das Ideias tal como proposta por Ático e por Longino apoiado sobre a estrutura triádica *Deus, Paradigma e Matéria*, mas também sobre a rejeição de uma definição do bem último do homem que se origina dessa interpretação das Ideias. É justamente sobre esse assunto que Longino tem a intenção de contradizer Plotino e Amélio em sua obra *Sobre o Fim. Contra Plotino e Gentiliano Amélio*, escrito provavelmente em torno de 265, ou seja, nesse mesmo período em que aconteceu a querela sobre os inteligíveis. Este constitui então um argumento suplementar que confirma que esta querela sobre os inteligíveis resultaria do *Tratado 32* e que foi efetivamente contra este que Longino teria dirigido suas críticas.

Constatamos no fragmento 9 que Ático concebia a finalidade do homem como sendo a contemplação do Modelo e a união com Deus, se opondo às concepções aristotélicas. Longino, em sua obra *Sobre o Fim. Contra Plotino e Gentiliano Amélio*, parece assumir esta mesma posição, mas sua crítica se dirige a Plotino e a Amélio que, como ele indica, compartilhava as grandes linhas da posição de seu mestre claramente enunciada no *Tratado 9*

---

<sup>50</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 4, 16-19, p. 138-139.

<sup>51</sup> Nós seguimos aqui a argumentação apresentada por BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5258.



(VI, 9), 9 e no *Tratado 46* (I, 4)<sup>52</sup>. Plotino e Longino compartilham a convicção de que os homens consideram como um bem o fato de atingir a felicidade que a vida intelectual proporciona e isto por meio de uma identificação com a essência mesma do Intelecto. As diferenças entre eles residem no fato de que Longino considera isto como o fim supremo do homem já que ele identifica, da mesma maneira que Ático, o Intelecto ao Bem, enquanto que Plotino considera a felicidade intelectual como sendo diferente e inferior à felicidade gerada pela união com o Bem, o qual não é equivalente ao Intelecto mas considerado superior a Ele.

Assim, os argumentos que distinguem Proclo e Porfírio de Ático são os mesmos que separam Plotino de Longino : as Ideias devem estar no interior do Demiurgo e o Demiurgo, ou o Intelecto demiúrgico, deve ser distinto do Deus Supremo e do Bem Primeiro<sup>53</sup>.

Podemos concluir que a posição de Plotino sobre a definição e a localização das formas inteligíveis se construiu visando as teorias medioplatônicas (incluindo aquelas dos gnósticos que faziam parte do círculo de Plotino pois, como afirma Porfírio, estes acusavam Platão de não ter « atingido a profundidade da substância inteligível (εἰς τὸ βάθος τῆς νοητῆς οὐσίας) »<sup>54</sup> e, como declara o próprio Plotino, « as doutrinas dos antigos sobre os inteligíveis (περὶ τῶν νοητῶν) são entretanto bem superiores às deles (as doutrinas dos gnósticos) » [*Tratado 33* (II, 9), 6, 52-53]). Também, esta posição implica na refutação de uma estrutura da realidade articulada ao redor dos três princípios θεός – παράδειγμα – ὕλη (como concebem Longino, Ático e como eles, os gnósticos de maneira geral<sup>55</sup>). Deste modo, sua afirmação e sua consequente adoção pelos filósofos neoplatônicos marcam definitivamente o fim de um movimento exegético platônico que começou por volta do primeiro século de nossa era.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALCINOOS, Didaskalikos : Enseignement des doctrines de Platon. Texto editado e comentado por J. Whittaker, trad. P. Louis, Paris : Les Belles Lettres, 1990.
- ANDRÉ, J.-M. Les écoles philosophiques aux deux premiers siècles de l'Empire. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW), II. 36. 1, 1987, p. 5-77.

<sup>52</sup> Deste modo, LONGINO não se refere diretamente a este último porque ele foi redigido depois do tratado *Sobre o Fim. Contra Plotino e Gentiliano Amélio*, mas mais provavelmente ao *Traité 9* (VI, 9) que apresenta já de maneira condensada as teses que serão desenvolvidas no *Tratado 46* (I, 4).

<sup>53</sup> Cf. BRISSON-PATILLON, 1994, p. 5256.

<sup>54</sup> PORFÍRIO, 1992, t. II, § 16, 8-9, p. 158-159.

<sup>55</sup> Cf. por exemplo o caso do *Zostriano* explicitado por TARDIEU, 1996, p. 65-66.

- ANDRESEN, C. The Integration of Platonism into Early Christian Theology. *Studia patristica*, XV, 1984, p. 399-413.
- ARMSTRONG, A. H. The Background of the Doctrine 'that the Intelligibles are not outside the Intellect'. In : *Les Sources de Plotin, Entretiens Hardt 5*, Vandoeuvres-Genève : Fondation Hardt, 1960, p. 393-413.
- \_\_\_\_\_. Pagan and Christian Traditionalism in the First Three Centuries A.D. *Studia patristica*, XV, 1984, p. 414-431.
- BALTES, M. Zur Philosophie des Platonikers Attikos. In : *Platonismus und Christentum, Festschrift für Heinrich Dörrie*, hrsg. von H.-D. Blume und F. Mann, *Jahrbuch für Antike und Christentum (JAC)*, Erg.-B. 10, Münster, 1983, p. 38-57.
- BALTES e LAKMANN, Idea (dottrina delle idee). In : *Eidos-Idea, – Platone, Aristotele e la tradizione platonica*, F. Fronterotta e W. Leszl (eds.), Sankt Augustin : Academia Verlag, 2005, p. 1-23.
- BRISSON, L.-PATILLON, M. Longinus Platonicus Philosophus et Philologus, I. Longinus Philosophus. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 36. 7, (Appendix to II. 36. 1), 1994, p. 5214-5299.
- \_\_\_\_\_. Longinus Platonicus Philosophus et Philologus, II. Longinus Philologus. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 34. 4, 1998, p. 3023-3108.
- CANCIK, H., SCHNEIDER, H. e LANDFESTER, M. (org.). *Brill's Encyclopaedia of Ancient World New Pauly*, artigo Middle Platonism, Leiden-Boston : Brill, 2006, p. 858.
- DEITZ, L. Bibliographie du platonisme impérial antérieur à Plotin : 1926-1986. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 36. 1, 1987, p. 124-182.
- DES PLACES, É. *Atticus, Fragments*. Paris : Les Belles Lettres, 1977.
- \_\_\_\_\_. Platonisme moyen et apologétique chrétienne au II siècle ap. J.-C. Numénus, Atticus, Justin. In : *Studia patristica*, XV, 1984, p. 432-441.
- DILLON, J. *The Middle Platonists*, London : Duckworth, 1977.
- DONINI, P. *Le scuole, l'anima, l'impero : la filosofia da Antioco a Plotino*. Torino : Rosenberg & Sellier, 1982.
- FERRARI, F. La teoria delle idee in Plutarco. *Elenchos*, 17, 1996, p. 121-42.
- FERRARI, F. Dio, idee e materia. La struttura del cosmo in Plutarco di Cheronea, Napoli : D'Auria, 1997.
- \_\_\_\_\_. Dottrina delle idee nel medioplatonismo. In : *Eidos-Idea, – Platone, Aristotele e la tradizione platonica*, F. Fronterotta e W. Leszl (eds.), Sankt Augustin : Academia Verlag, 2005, p. 233-246.
- FREDE, M. La teoría de las ideas de Longino. *Méthexis*, 3, 1990, p. 183-190.
- FROIDEFOND, C. Plutarque et le platonisme. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 36. 1, 1987, p. 184-233.
- GLUCKER, J. Antiochus and the Late Academy. *Hypomnemata. Untersuchungen sur Antike und zu ihrem Nachleben*, Heft 56, Göttingen : Vandenhoeck und Ruprecht, 1978.

HADOT, P. La métaphysique de Porphyre. In : *Entretiens sur l'Antiquité Classique*, tomo XII : Porphyre (Vandoeuvres, 1965), Genève : Fondation Hardt, 1966, p. 127-163.

\_\_\_\_\_. La conception plotinienne de l'identité entre l'intellect et son objet. Plotin et le *De Anima* d'Aristote. In : *Corps et Âme, Sur le De Anima d'Aristote*, G. R. Dherbey (org.), Paris : Vrin, 1996, p. 367-376.

HAMELIN, O. La Théorie de l'intellect d'après Aristote et ses commentateurs. Paris : Vrin, 1953.

JONES, R. The Ideas as the Thoughts of God. *Classical Philology*, 21, 1926, p. 317-326.

MANNING, C. E. School Philosophy and Popular Philosophy in the Roman Empire. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 36. 7, 1994, p. 4995-5026.

MORAUX, P. L'Aristotelismo presso i Greci. Préf. G. Reale, introd. Th. Szlezak, trad. S. Tognoli, 3 v., Milano, Vita e pensiero, 2000 (*Der Aristotelismus bei den Griechen von Andronikos bis Alexander von Aphrodisias*, 1. Die Renaissance des Aristotelismus im I Jh. v. Chr. ; 2. Der Aristotelismus im I. und II. Jh. n. Chr., *Peripatoi : Philologisch-Historische Studien zum Aristotelismus* 5 et 6, Berlin/New-York : W. de Gruyter, 1973 et 1984).

\_\_\_\_\_. Der Aristotelismus bei den Griechen von Andronikos bis Alexander von Aphrodisias, 3. Alexander von Aphrodisias. hrsg. J. Wiesner, *Peripatoi : Philologisch-Historische Studien zum Aristotelismus* 7/1, Berlin/New-York : W. de Gruyter, 2001.

\_\_\_\_\_. Alexandre d'Aphrodise exégète de la noétique d'Aristote. Paris : E. Droz, 1942.

MORESCHINI, C. Apuleio e il platonismo. Firenze, Olschki, 1978.

\_\_\_\_\_. Attico : una figura singolare del medioplatonismo. In : *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)*, II. 36. 1, 1987, p. 477-491.

PÉPIN, J. Une curieuse déclaration idéaliste du *De Genesi ad litteram* (XII, 10, 21) de Saint Augustin, et ses origines plotiniennes (*Ennéade* 5, 3, 1- 9 et 5, 5, 1-2). *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, 4, 1954, p. 373-400.

\_\_\_\_\_. Éléments pour une histoire de la relation entre l'intelligence et l'intelligible chez Platon et dans le néoplatonisme. *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Ancienne*, 146, p. 39-55, 1956 (reeditado em *De la Philosophie ancienne à la théologie patristique*. London : Variorum Reprints, 1986).

\_\_\_\_\_. Augustin et Atticus : la quaestio *De ideis*. In : *Herméneutique et ontologie : mélanges en hommage à Pierre Aubenque*, R. Brague & J.-F. Courtine (eds), Paris : Presses Universitaires de France, 1990, p. 163-180.

PROCLO, *Commentaire au Timée*. Trad. A.-J. Festugière, Paris : Les Belles Lettres, t. II, 2006 (1967).

\_\_\_\_\_. In *Parmenidem*. In : *Procli philosophi Platonici opera inedita*, V. Cousin (ed.), Paris : Durand, 1864.

RICH, A. The Platonic Ideas as the Thoughts of God, *Mnemosyne*, IV, 7, 1954, p. 123-133.

SIRIANO. Comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles. In : *Syriani In Metaphysica commentaria (Commentaria in Aristotelem Graeca*, VI/1), W. Kroll (ed.), Berlin : Reimer, 1902.

SZLEZÁK, Th. Platone e Aristotle nella Dottrina del Nous di Plotino. A. Trotta (trad.),  
Milão : Vita e Pensiero, 1997.

TARDIEU, M. Recherches sur la formation de l'Apocalypse de Zostrien et les sources de  
Marius Victorinus. Res Orientales IX, Bures-sur-Yvette : Groupe pour l'Étude de la  
Civilisation du Moyen-Orient, 1996.

TERTULLIEN. Contre les Valentiniens. Introd., texto crítico, trad. J.-C. Fredouille, Paris :  
Cerf, v. 1, SC nº 280, 1980, IV, 2.

WHITTAKER, J. Platonic Philosophy in the Early Centuries of the Empire. In : Aufstieg und  
Niedergang der Römischen Welt (ANRW), II. 36. 1, 1987, p. 81-123.

[Recebido em maio de 2013; aceito em junho de 2013.]